BOAS VINHAS

EDIÇÃO N.º 15 – AGOSTO 2021

CVRVV COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | SEMESTRAL | ISSN: 2183-5411
DIRECTORA **MARIA JOSÉ PEREIRA**



Concurso ‘A Melhor Vinha 2.1’ está de volta e com novas regras

Parâmetros de sustentabilidade económica, ambiental e social em avaliação **Pag 2**

PRODUÇÃO DE CARVÃO VEGETAL A PARTIR DE PODAS DA VINHA

Pag 4

REVESTIMENTOS FUNCIONAIS AJUDAM A MITIGAR AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Pag 5

BOAS VINHAS, REGRESSA EM FEVEREIRO COM NOVAS VITÍCOLAS

ATENÇÃO! Esta folha de rosto contém informação confidencial a utilizar na apresentação da sua DCP (manifesto) da campanha 2021/2022.

EDITORIAL

Covid, Ano II, uma vindima incomum

Escrevo este texto nos primeiros dias de Agosto. A previsão aponta para uma colheita menos generosa do que a anterior, combinada com uma curva de vendas que está muito robusta. O stock está baixo. Claramente, há condições para alguma valorização da uva e, entretanto, já anda muita gente de cabeça quente.

Este é um óptimo ano para que a Região se valorize, mas através de decisões ponderadas. Deixo aqui três ideias: (1) podemos e devemos prosseguir o caminho de valorização progressiva do negócio para remunerar capazmente todos os participantes; (2) um aumento (ou queda) violento do preço da uva não interessa a ninguém, pois coloca em causa a sobrevivência das empresas e afasta clientes do Vinho Verde; (3) é muito positivo que os viticultores procurem no mercado quem lhe pague melhor (e mais cedo) as uvas, pois isso valoriza toda a fileira.

Não esquecer, porém, que se 2021 é um ano curto, virão anos de vindimas generosas, nas quais alguns dirão "não preciso de mais uvas" – alguns desses são os que em 2021 oferecem milagres.

Vamos, pois, valorizar a Região e as uvas, privilegiando relações comerciais sólidas, de longo prazo e cuidando da galinha cujos ovos queremos ver frutificar por muitos anos.

Manuel Pinheiro
Presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes





Concurso 'A Melhor Vinha 2.1' está de volta

O concurso da melhor vinha da Região dos Vinhos Verdes, com a denominação de "Melhor Vinha 2.1", vai voltar a realizar-se, depois de um interregno de três anos, e com um novo regulamento e metodologia de avaliação. Esta é uma iniciativa da CVRVV e que conta com o patrocínio exclusivo da TIMAC.

Pretende-se, com esta alteração de critérios de avaliação, ir ao encontro da Estratégia de Sustentabilidade que a Região dos Vinhos Verdes está a desenvolver e que se alinha com a criação, até ao final do ano, de um Plano de Sustentabilidade Nacional.

Esta iniciativa, que tem 15 inscritos espalhados por toda a Região, terá quatro parâmetros de avaliação, com ponderações diferentes, e que vão espelhar o que de excelente se faz não só na instalação da vinha e produção de uvas, mas também nos planos da sustentabilidade económica, ambiental e social.

Numa altura em que alguns mercados já se posicionam na procura de vinhos certificados por referenciais de sustentabilidade, a CVRVV entende que deve também elevar a fasquia na dinâmica desta estratégia, de modo a ir ao encontro desta nova preocupação ambiental e social.

Constituído por elementos da Comissão de Viticultura dos Vinhos Verdes, da Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, da equipe da AGRO.GES, empresa que está a colaborar com a CVRVV na implementação da estratégia da sustentabilidade dos Vinhos Verdes, e pelo responsável pelo Programa de Sustentabilidade dos Vinhos do Alentejo, o júri multidisciplinar visitou as 15 propriedades ao longo de três dias.

A análise às vinhas teve em conta, não apenas a perspectiva da produção de uvas, avaliando a instalação e os sistemas de condução da vinha, mas também os mais diversos parâmetros ambientais, desde a biodiversidade da fauna e flora à eficiência energética e hídrica da propriedade, o tratamento de resíduos e algumas práticas da economia circular, referenciais que alguns agentes já têm implementados. Foi ainda dada atenção a critérios sociais, designadamente à existência de protocolos com estabelecimentos escolares, politécnicos e universitários, com associações e organizações sociais ou com a comunidade local, bem como protocolos que possam beneficiar todos os colaboradores envolvidos.

EDIÇÃO Nº 15 - AGOSTO 2021
ESTATUTO EDITORIAL Boas Vinhas é um jornal semestral de informação técnica que pretende, através de texto e imagem, disseminar conteúdos sobre viticultura.
Boas Vinhas é um jornal ao serviço do viticultor e quer contribuir para a divulgação de novas tecnologias na área da cultura da vinha capazes de contribuir para uma viticultura rentável. "Boas Vinhas" distingue claramente os artigos de opinião dos artigos informativos, sem prejuízo de pode assumir as suas próprias posições, sempre no respeito da legislação em vigor. "Boas Vinhas" tem um âmbito regional e quer contribuir para a divulgação de eventos, artigos práticos e/ou científicos, quando assim o entendam, sobre todas as novidades que à viticultura dizem respeito. "Boas Vinhas" é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, ideológica e económica.

FICHA TECNICA
Directora: Maria José Pereira | Jornalista: Ilídia Pinto | Proprietária / Editora: Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes | NIF: 501 873 635 | Sede: Rua da Restauração, 318, 4050-501 Porto | Comissão Executiva: Manuel Pinheiro, Óscar Meireles, Rui Pinto |Sede da Redacção: Rua da Restauração, 318, 4050-501 Porto | Tel. 226 077 300 | E-mail: viticultura@vinhoverde.pt | Produção: Jornal de Notícias | Rua de Gonçalo Cristóvão, 195-219, 4049-011, Porto. Tel. 222096100, Fax. 222096200 | Impressão: Funchalense, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pero Pinheiro. Tel. 219677450, Fax 219677459| Tiragem: 15500 exemplares | Periodicidade: Semestral | ERC: Registo nº 126529 | ISSN Edição impressa: 2183-5411; online: 2183-7686| Deposito Legal: nº 377222/14 | Jornal de distribuição gratuita | Os textos não respeitam o novo acordo ortográfico.

A Nova Dimensão da Fertilidade

A agricultura é dos sectores mais importantes na luta contra as alterações climáticas, na preservação da paisagem e da biodiversidade, e na protecção do ambiente, garantindo alimentos saudáveis e de elevada qualidade. Só uma agricultura moderna, sustentável e competitiva poderá contribuir para a promoção de zonas rurais mais dinâmicas e atraentes para a nova geração de agricultores. Por tudo isto, os agricultores são desafiados a optimizar as suas produções, reduzindo os impactos nos ecossistemas, para promover uma agricultura ainda mais verde.

A TIMAC Agro tem feito um grande esforço para desenvolver novas soluções, optimizando a aplicação de fertilizantes, de modo a minimizar as perdas e aumentar a fertilidade dos solos de uma forma sustentável e equilibrada. Esta optimização tem sido feita ao nível da fertilidade química, física e biológica, mas há outra dimensão que, apesar da sua reconhecida importância, tem sido até agora ignorada.

A Fertilidade Eléctrica, medida através do potencial Redox do solo (cuja unidade de medida é o milivolt), está relacionada com a troca de electrões nas reacções do solo. Ao longo dos últimos 200 anos, a electricidade tem vindo a ganhar espaço nas nossas vidas ao ponto de já não nos imaginarmos a viver sem ela. Serve para tudo: dá-nos luz, aquece a nossa comida, permite-nos guardar memórias ou estar a um segundo de distância de todo o mundo através da rede global em que estamos inseridos. A electricidade também está presente no solo, o qual mantém uma pequena, mas importantíssima, corrente essencial para a vida.

As reacções Redox (redução-oxidação) dirigem alguns dos mais importantes processos para o crescimento das plantas, como a fixação do carbono na fotossíntese ou a mineralização do azoto orgânico. O potencial Redox varia entre oxidado e reduzido consoante a quantidade de electrões no meio, o que influencia vários processos da vida do solo e das plantas.

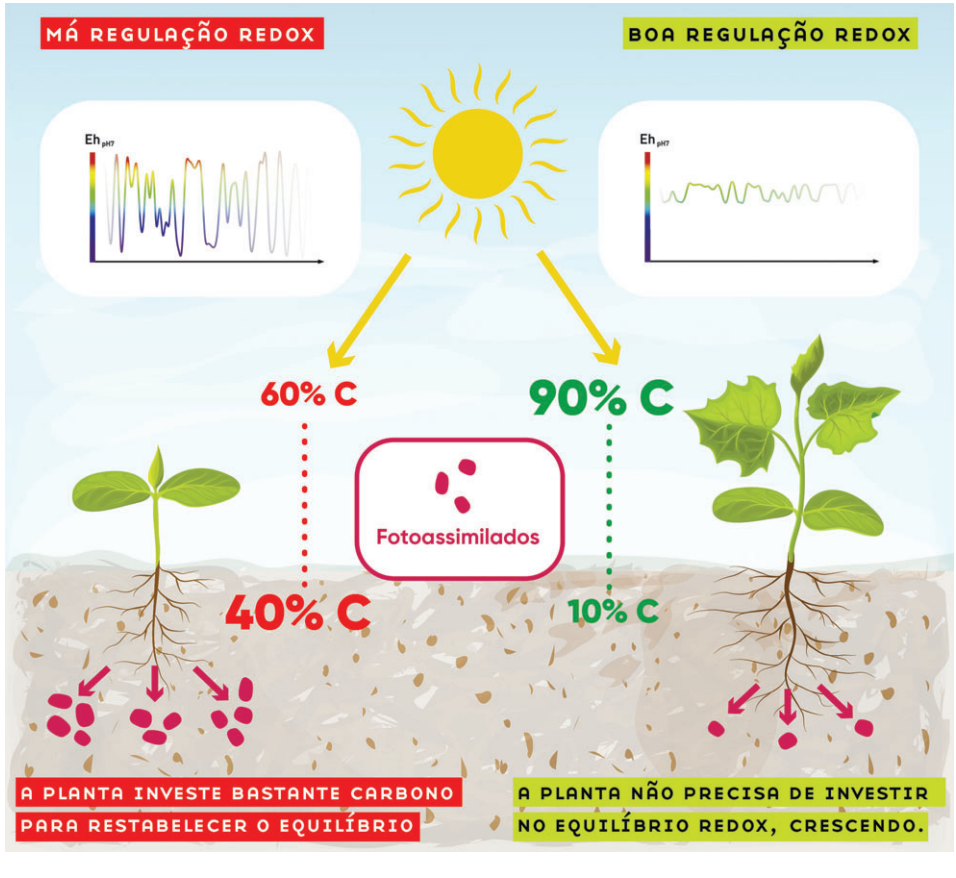
Manter o potencial Redox equilibrado é essencial. Quando este solo não se encontra estável (entre 350 e 450 mV), as plantas investem muito carbono proveniente da fotossíntese para restabelecerem o equilíbrio com o solo (ver imagem). Isto tem consequências, com impactos directos no seu crescimento e desenvolvimento. Para além disto, um potencial Redox desequilibrado é favorável ao desenvolvimento de fungos patogénicos e, obviamente, desfavorável para os microrganismos "bons" que habitam a rizosfera das plantas bem como reduz a biodisponibilidade de alguns nutrientes.

No solo, a emissão de óxido nitroso e metano (gases com efeito de estufa) também é regulada pelo potencial Redox do solo, o qual regula igualmente os processos de nitrificação, desnitrificação e redução do NO3- a NH4+. O Investigador Francês Olivier Husson (2013), refere que o sector agrícola estará provavelmente a desprezar os impactos de um potencial Redox desadequado na saúde das plantas e dos solos, que, quando associado com o pH, pode ajudar a caminhar para uma agricultura mais sustentável. Apesar da reconhecida importância deste novo "parâmetro dos solos" destacado em dezenas de publicações científicas que realçam a importância do potencial Redox dos solos, pouco ou nenhum progresso tem sido feito no meio agronómico para o corrigir.

Preocupada com esta problemática, a TIMAC AGRO, através do seu Centro Mundial de Inovação Roullier criou um produto inovador, patenteado, que trabalha em conjunto as problemáticas do pH e do potencial Redox dos solos: ENERGEO. Este produto funciona através dos seus núcleos Redox Activos - RAN (Redox Active Nucleus), corrigindo o potencial Redox do meio e optimizando o crescimento das culturas. As vantagens da sua aplicação são múltiplas: maior actividade microbiana, redução das emissões de gases com efeito de estufa, aumento da eficiência da fotossíntese e da disponibilidade de nutrientes, aumento da mineralização do azoto, e redução da ocorrência de fungos patogénicos. O ENERGEO é aplicável em Agricultura Biológica.

ENERGEO, um fertilizante de outra dimensão, para a nova dimensão da fertilidade dos solos.

Timac AGRO



PERFIL

Carlos Faria
Um professor nas vinhas



A Quinta de Frades, em Vizela, era do seu avô, mas Carlos Faria tomou para si a responsabilidade de continuar o legado. A propriedade, com vinhas velhas ainda em ramadas, precisava de ser recuperada e Carlos Faria dedicou-se a isso, em part-time, enquanto a rentabilidade do negócio não permite viver em pleno desta actividade.

Foi em 2011 que se candidatou ao primeiro VITIS para a reconversão total da vinha, e plantou, então, os primeiros dois hectares de Loureiro. À medida que as oportunidades foram surgindo, procurou expandir a área de vinha através do arrendamento de parcelas contíguas. Conta já com 10 hectares plantados, 90% de Loureiro, mas também com Arinto, Trajadura e um pouco de castas tintas, como Vinhão e Borraçal. No próximo ano espera poder plantar mais três hectares.

Autodidacta, Carlos foi aprendendo por tentativa-erro, mas fez também formação, designadamente de poda e de aplicação de fitofármacos. Sempre que necessário, procura apoio especializado. "Não sou profissional da viticultura, mas gostava de o ser. Para isso, preciso que este negócio se torne sustentável", admite.

Em 2020, conseguiu produzir 50 toneladas de uva, este ano conta com menos, devido às saraivadas e geadas de Maio. Vende as uvas a um produtor local, reservando uma pequena quantidade para produzir cerca de 10 mil garrafas do seu vinho, o Encostas de São Bento, que vende directamente na propriedade ou a restaurantes locais.

O objectivo é um dia construir uma adega e assim fazer crescer a produção de vinho. Um sonho à espera das condições apropriadas. Para já, a sua atenção está centrada em fazer crescer a produção, em quantidade e qualidade, mas admite que não tem sido fácil convencer os proprietários a arrendar os terrenos. A sua meta é duplicar a área e chegar aos 20 hectares. "Assim, já poderia ter alguma sustentabilidade para me profissionalizar na viticultura", argumenta.

A falta de mão de obra é outra das dificuldades: "Os mais velhos estão a ficar cansados e os mais novos não querem saber da agricultura". No total, Carlos Faria calcula que já investiu mais de 50 mil euros na propriedade. Confia que é possível viver da viticultura, mas só se o preço pago pelas uvas for justo. "Há muitas adegas nas redondezas a praticar preços incomportáveis. Acredito que passam por dificuldades, mas o produtor tem um ano árduo, precisa de ver o trabalho recompensado", defende. Carlos lamenta também que os consumidores comprem vinhos muito baratos, não tendo em conta "todo o trabalho que está por detrás daquela garrafa".

No imediato, a sua aposta será na requalificação do seu parque de máquinas, de modo a poder mecanizar "um pouco mais o trabalho" e assim conseguir "maior rentabilidade, mantendo a qualidade".

Ilídia Pinto

Absorção de nutrientes essenciais para o sucesso da viticultura

A melhoria do solo é um dos pilares da produção agrícola. Desta forma, o solo deve ser entendido como um sistema onde convergem as propriedades físicas, químicas e biológicas essenciais para o desenvolvimento óptimo da cultura. O maneio de elementos primordiais como azoto, fósforo ou potássio, componentes principais da maioria dos fertilizantes para uma nutrição adequada, será a chave para uma boa fertilização.

Com esses elementos e a luz solar, as plantas são capazes de sintetizar todos os compostos de que precisam. O azoto é o mais importante, não só porque contribui para o crescimento das plantas, mas também pelo impacto ambiental que pode causar. Este elemento tende a volatilizar facilmente ou a sofrer processos biológicos que reduzem muito a sua disponibilidade.

Já o fósforo é fundamental para o desenvolvimento das raízes. Devido à sua alta reactividade, associa-se a outros componentes do solo de forma a bloquear-se ou mover-se muito lentamente. Só uma pequena parte do fósforo fornecido pela fertilização é assimilável pela planta.

Por fim, o potássio é um componente estrutural associado à matéria orgânica do solo, sendo que apenas 1 a 2% é assimilável pela planta.

Por outro lado, muitas vezes o stress hídrico é um dos problemas mais comuns que afectam as culturas. O calor, grandes mudanças de temperatura ou luz intensa podem fazer com que as plantas activem vários mecanismos para sobreviver. Transpiram menos, reduzem a actividade fotossintética ou adaptam o crescimento das raízes, factores que promovem o envelhecimento prematuro e afectam a produção das plantas.

Inovação bio-estimulante baseada em microrganismos

A Corteva Agriscience está a trabalhar em novas soluções ecológicas para resolver os problemas de disponibilidade de nutrientes no solo, os Biofertilizantes, à base de microrganismos promotores do crescimento das plantas. Os diferentes microrganismos decompõem a matéria orgânica, solubilizando os diferentes nutrientes bloqueados no solo (fósforo e potássio), fixando biologicamente o azoto, permitindo assim que as plantas tenham uma absorção homogénea de macro e micronutrientes. Com isso, a estrutura do solo é melhorada e revitalizada, impactando directamente no desenvolvimento e metabolismo das plantas e trazendo benefícios ao agricultor, que verá a sua colheita melhorar em produção e qualidade.

Estes microrganismos também libertam hormonas que estimulam o crescimento radicular, aumentando a absorção de água e nutrientes de forma eficiente, o que permite um melhor aproveitamento dos recursos mesmo em situações de stress. Este recurso também pode contribuir para o uso mais inteligente dos sistemas de irrigação.

Estas soluções inovadoras começarão a chegar ao mercado português a partir do próximo ano, como parte do catálogo de produtos biológicos que a Corteva está a desenvolver. São o resultado da investigação da empresa, lado a lado com os agricultores e diferentes intervenientes da cadeia agro-alimentar, tendo em vista promover um equilíbrio entre a rentabilidade da produção, a conservação dos recursos naturais e a protecção do meio ambiente, de forma a garantir a sustentabilidade do campo.

CORTEVA™
agriscience

VALORIZAÇÃO DOS RESÍDUOS

A produção de carvão vegetal a partir de podas da vinha



Aspecto das podas de vinha após secagem e corte, com uma dimensão semelhante aos pellets de biomassa (à esq), e após carbonização a 400ºC



Aclimatização de plantas micropropagadas com 4 tipos de substrato: GI – Vermiculite; GII – Serrim; GIII – 50% Vermiculite + 50% carvão vegetal; GT – Testemunho (substrato comercial).

A perspectiva actual de mitigação dos efeitos das alterações climáticas tem conduzido a uma crescente procura de formas de energia alternativas, que possam ser utilizadas na substituição de fontes de origem fóssil, como o petróleo, o carvão ou o gás natural. A biomassa surge como uma possibilidade muito interessante, que tem dado provas de viabilidade, como o demonstram os diversos ensaios de grande escala realizados em centrais termoelétricas a carvão, com a utilização de pellets de madeira em co-combustão com o carvão mineral, ou através do uso de estilha produzida a partir de resíduos de origem florestal, para a produção de vapor em unidades industriais do sector têxtil.

Numa escala mais pequena e de maior proximidade, os combustíveis derivados de biomassa também têm sido usados para aquecimento de espaços habitacionais ou comerciais. Na pequena indústria, as panificadoras, por exemplo, têm aderido positiva e crescentemente a estas formas de energia alternativas. No entanto, e devido aos requisitos de qualidade impostos pelos instrumentos regulatórios, a produção destes combustíveis sólidos não tem incorporado um vasto leque de materiais residuais resultantes de actividades de natureza agro-industrial, como o sector vitivinícola, grande produtor de resíduos, como os engaços, os bagaços ou as podas de vinha.

Relativamente às podas de vinha, os estudos de caracterização realizados ao longo dos últimos anos, têm demonstrado que se tratam de materiais que apresentam propriedades, tanto energéticas, como físico-químicas, que possibilitam a sua incorporação nos processos de produção de pellets de biomassa ou de briquettes, sendo esta já uma prática recorrente. No entanto, dados os volumes produzidos anualmente e a existência de alguns constrangimentos relativos a questões relacionadas com a qualidade dos produtos finais, nomeadamente com o teor de cinza, ou com o teor de cobre, não têm permitido a incorporação da totalidade, ou pelo menos da maior parte dos resíduos produzidos, levando a que os produtores vitivinícolas recorram frequentemente a práticas ambientalmente menos aceitáveis, como o são a realização da queima de sobrantes ou o simples abandono em pilhas.

A utilização destes materiais para a produção de carvão vegetal permite a conjugação de um conjunto de vantagens, designadamente a obtenção de um novo tipo de combustível de maior valor acrescentado, com um potencial de densificação energética várias vezes superior ao que se obtém da simples densificação física conseguida na produção de pellets de biomassa. Além disso, permite a redução dos volumes de resíduos, já que nos processos de carbonização se verifica uma perda de massa de aproximadamente 60%, através da eliminação de um conjunto de compostos orgânicos voláteis de menor valor energético e que contribuem para que o processo seja energeticamente mais eficiente pela sua valorização. Por fim, destaque para a possibilidade de incorporação nos solos, com o duplo papel de servir para adsorver compostos metálicos potencialmente nocivos, como o cobre, ao mesmo tempo que contribui para a mitigação das alterações climáticas, pelo sequestro de carbono no solo por centenas de anos.

Leonel Jorge Ribeiro Nunes -
proMetheus e Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Revestimentos funcionais ajudam à sustentabilidade

Muitas das práticas tradicionais de manutenção do solo nas vinhas são agora consideradas insatisfatórias por não garantirem sustentabilidade, e por isso desaconselhadas. Há que encontrar novas soluções!

O número sempre crescente de hectares de vinha onde já foram semeados revestimentos vegetais mostra bem que os viticultores são sensíveis a este tema e reconhecem as múltiplas vantagens destes revestimentos.

A Fertiprado, graças ao espírito inovador e fiel ao compromisso de estudar e utilizar a melhor genética vegetal, tem desenvolvido novas misturas adequadas à necessidade de se adoptarem práticas sustentáveis. Na elaboração destas misturas de sementes o conceito em prática é o da biodiversidade orientada.

Falamos de biodiversidade porque se cria um harmonioso ecossistema composto por múltiplas espécies. E orientada, porque não é fruto do acaso. Cada uma das espécies e variedades foi escolhida para integrar a mistura e cumpre um objectivo. Assim, é também orientada para o propósito de ser simultaneamente técnica e economicamente vantajosa.

Actualmente, a Fertiprado dispõe de uma gama completa de misturas para revestimentos biodiversos plurianuais (REVIN). Mais recentemente tem vindo a desenvolver a gama de revestimentos de cobertura anual. É um novo conceito de "revestimentos funcionais" que utiliza várias espécies de gramíneas e leguminosas juntamente com outras espécies menos usuais como as mostardas, os nabos, a facélia e o feno grego. Este conceito de "revestimento de cobertura anual" é já uma ferramenta importante na gestão do solo das vinhas, possibilitando que todos os anos se possa escolher o coberto vegetal que melhor se enquadra às necessidades da parcela.

De fácil sementeira e pronta instalação, rapidamente o revestimento fica apto a cumprir os seus propósitos. De que são bons exemplos:

- A capacidade de controlar infestantes por competição e alelopatia, reduzindo ou eliminando a necessidade de utilização de herbicidas ou mobilização do solo.
- A fixação simbiótica de azoto atmosférico, diminuindo significativamente os custos das adubações. O fabrico, transporte e aplicação de adubos azotados é feito através da queima de combustíveis. Esta emissão de carbono é evitada.
- O aumento das populações de insectos e aves predadoras que actuam contra algumas pragas e doenças. A menor incidência de doenças leva à redução da aplicação de fitofármacos.
- A minimização da utilização de herbicidas, adubos e fitofármacos diminui o uso de maquinaria agrícola e a consequente excessiva compactação do solo. Ainda que, quando necessária, a circulação de máquinas esteja facilitada pela existência do revestimento.
- O aumento da matéria orgânica e da fertilidade melhorando a estrutura do solo. Também aumenta a capacidade de infiltração e retenção de água.
- A redução da perda de água por evaporação. A incidência dos raios solares passa a ser sobre o coberto vegetal. Este coberto aumenta a disponibilidade de água para a vinha.
- A forte diminuição de perdas de solo e nutrientes por arrastamento e erosão. As plantas (incluindo as suas raízes) evitam estes fenómenos.
- A recuperação das populações de insectos polinizadores e auxiliares proporcionada pela diversidade de flores destes revestimentos.
- O benefício para o enoturismo. As entrelinhas floridas revolucionam a paisagem dos vinhedos. Não é por acaso que têm sido usadas fotografias destas em campanhas de marketing para comunicar o compromisso da viticultura com as gerações vindouras.



Em suma, a biodiversidade orientada cumpre um ou vários objectivos: gestão do solo, controlo de infestantes, atracção e abrigo de auxiliares, biofumigação e até faixas multi-funcionais. Os impactos positivos dos revestimentos vegetais biodiversos, quando devidamente orientados, ultrapassam, e muito, os limites do terreno onde estão instalados. São parte de uma viticultura moderna, regenerativa, aliada à sustentabilidade e à mitigação das alterações climáticas.

Joel Presa / Jorge Ramos Pinto







A revolução silenciosa em curso nos Vinhos Verdes de guarda

Leves, jovens e aromáticos, com baixo perfil alcoólico? Sim, os Vinhos Verdes são tudo isso, mas são, também, minerais, complexos e estruturados. E há cada vez mais consumidores a descobri-los e a valorizá-los, deixando-os envelhecer em garrafa durante alguns anos. Por Ilídia Pinto

A Região Demarcada dos Vinhos Verdes tem condições excepcionais para se assumir como a grande produtora de vinhos brancos do país. E tem vindo a prová-lo, crescentemente nos últimos anos, com o lançamento de um novo perfil de vinhos, mais sofisticados, com aromas e sabores complexos, intensos e minerais, e com grande capacidade de envelhecimento em garrafa. Os exemplos são vários e mostram a revolução silenciosa que está a ser operada na Região.

Foi em 2017 que, pela primeira vez, o concurso 'Os Melhores Verdes' fez a distinção dos vinhos de colheitas de anos anteriores, recebendo cinco amostras a concurso de colheitas anteriores a 2014. O Castros de Paderne 2012 foi, então, distinguido com a medalha de ouro e com o prémio *Best Of Vinho Verde*.

No ano seguinte, o número de amostras mais do que triplicou e o Best Of foi para o Quinta do Regueiro Primitivo 2015, sendo que o Casa de Vilacetinho Colheita Se-



Os Vinhos Verdes também podem ser sofisticados e com grande potencial de guarda

FOTO: DIREITOS RESERVADOS



Paulo Cerdeira Rodrigues, sem mãos para tantos prémios, foi o vencedor da Grande Medalha de Ouro na edição de 2021 do concurso 'Os Melhores Verdes'

FOTO: DIREITOS RESERVADOS

leccionada Avesso 2013 recebeu a medalha de Ouro. João Miguel Maia não esconde a sua predilecção pela casta. "Foi em 2003 que lançamos, pela primeira vez, um monocasta Avesso. É uma casta difícil de trabalhar. Está sujeita a doenças na vinha - requer muita atenção e cuidado - e a oxidação em adega. Não é para amadores", argumenta.

A Casa de Vilacetinho, uma propriedade em Alpendorada que está na família há oito gerações, mas só há três é que se dedicam ao engarrafamento. Hoje produzem cerca de 600 mil garrafas ao ano, mas só 10 a 15 mil é que são destinados a vinhos de guarda. A casta Avesso é a base de todos os vinhos da Casa de Vilacetinho. "Serve como alicerce, dá textura, corpo, muita estrutura e carácter aos vinhos. É uma casta muito subtil, em termos aromáticos, mas acreditamos que tem um grande potencial de longevidade". frisa João Miguel Maia.

A empresa exporta cerca de metade dos seus vinhos para mais de 30 países, com especial destaque para os EUA, Reino Unido, Holanda, Rússia e Ucrânia. Nos vinhos de guarda é o Reino Unido que tem mostrado maior receptividade. "Mudou muito a percepção sobre a qualidade dos vinhos que produzimos e há cada vez maior apetência pelo Vinho Verde nos mercados internacionais. O Vinho Verde já não é barato, há toda uma oferta de vinhos de grande qualidade, com mais estrutura, muito bem feitos", diz. E em Portugal a evolução também vai acontecendo: "Há muitos amantes de vinho e curiosos que gostam de experimentar coisas novas. E a própria comunicação que a CVRVV e a Região têm tentado fazer é muito importante. É um trabalho de longo prazo, mas que, aos poucos, vai gerando resultados".

Simultaneamente medalha de ouro e *Best of Vinho Verde* no concurso de 2019, com o Dom Ponciano Colheita Seleccionada Alvarinho 2013, Rui Esteves explica que a marca é uma homenagem ao seu avô Ponciano, um dos pioneiros no cultivo de Alvarinho em Melgaço e que, "já nos anos 40 tinha uma sensibilidade diferente para o Alvarinho, produzindo 150 litros de vinho só desta casta". Rui Esteves retomou o projecto, no início do século XXI, e faz em média 90 mil garrafas ao ano.

"Guardo sempre cerca de 500 garrafas que não são para vender, são para ver a evolução do vinho. Ainda há dias abri garrafas de 2009 e estão absolutamente espectaculares", garante. E desde 2011 que começou, activamente, a reservar 20% da sua produção para envelhecer. Primeiro em cuba de inox, depois estagiam dois meses em cuba de madeira e, por fim, são engarrafados, sem rotular, e assim permanecem, pelo menos, quatro anos. A colheita de 2013, por exemplo, vai em breve para o mercado.

Rui Esteves não tem a menor dúvida sobre a melhor casta para vinhos de guarda: "Alvarinho, sem dúvida. Prolonga-se no tempo com uma qualidade maravilhosa", diz.

Com nove hectares plantados, a intenção é continuar a crescer, mas de forma sustentada. A maior preocupação é a qualidade. "Felizmente, não preciso do vinho para viver, por isso, tudo o que fazemos tem de ser de qualidade excepcional. Algo que já hoje vai sendo percebido no mercado, mas que eu quero que se intensifique nos próximos anos", defende. De qualquer forma, a intenção é manter sempre o cariz familiar deste projecto. "Nunca ultrapassaremos as 200 mil garrafas e não queremos que os vinhos de guarda vão além de um terço da produção total. São nichos de mercado e temos outras ideias em mente, como os vinhos com maceração, para fazermos vinhos diferenciados", sustenta.

Em 2020, já foram 33 as amostras a concurso n'Os Melhores Verdes de vinhos com potencial de guarda e a Casa de Vila Verde arrecadou o ouro com o seu Pluma Alvarinho Reserva 2017. Parte integrante do grupo Casa Santos Lima desde 2014, a Casa de Vila Verde tem 42 hectares de vinha em Lousada, 10 dos quais de Alvarinho, e produz perto de dois milhões de garrafas ao ano, a esmagadora maioria das quais se destinam a exportação.

Para o Pluma Alvarinho Reserva são reservadas cerca de cinco mil garrafas, um vinho que vai para o mercado cerca de ano e meio após a vindima, sendo que fermenta e estagia um ano em barricas de carvalho francês, americano e húngaro. Provém das vinhas mais antigas da propriedade e a vindima é totalmente manual. Sendo este um vinho "muito gastronómico", o Pluma reserva está muito locado à restauração nacional e, por isso, "sentiu muito os efeitos da pandemia", razão porque não foi engarrafado o vinho de 2018, explica o enólogo do grupo Casa Santos Lima. Já o de 2019 vai sair, em breve, para o mercado. A empresa pretende alargar a sua gama de reservas e vinhos *premium*, até porque, garante Manuel Carvalho, o mercado, principalmente ao nível da restauração, "pede estes vinhos".

E o próprio consumidor "começa a perceber toda a capacidade que os vinhos brancos têm de envelhecer em garrafa" e a Região dos Vinhos Verdes "está um passo à frente" das demais. "Os Verdes têm as condições naturais para chegarem ao consumidor mostrando a plenitude das suas capacidades. Não tenho dúvida que a Região dos Vinhos Verdes é a região rainha dos vinhos brancos em Portugal", sublinha Manuel Carvalho.

O Quinta do Regueiro Reserva Alvarinho 2013 venceu a Grande Medalha de Ouro na edição deste ano do concurso Os Melhores Verdes, mas a verdade é que este produtor, de Melgaço, tem vindo crescentemente a apostar no envelhecimento dos seus vinhos. De tal modo que, em 2019, lançou o Quinta do Regueiro Jurássico, um vinho que estagiou 10 anos em cuba de inox e que foi considerado o melhor branco do país, pelo painel de provadores da Essência do Vinho, em 2020.

"Todos os anos havia vinho que não se vendia e ficava nas cubas. Achava-se que era demasiado velho para entrar no lote e foram ficando. O que perdem em frescura ganham em estrutura e volume de boca e acabamos por perceber que havia um projecto para vinhos velhos também na região", explica Paulo Cerdeira Rodrigues.

O Jurássico foi lançado há dois anos, para assinalar os 20 anos da empresa. "Para surpresa minha foi um sucesso. Em seis meses esgotou. O mercado está muito receptivo a coisas novas e diferenciadas", diz este responsável. Este ano, nova edição chegará ao mercado. A ideia é fazer duas mil garrafas desta referência, a cada dois anos.

Com uma produção anual de 150 mil garrafas, a Quinta do Regueiro exporta os seus vinhos para mais de uma dúzia de mercados, com especial ênfase na Europa, Canadá, EUA e Brasil. Estes dois últimos, a par da Alemanha e da Bélgica são os países que mais apreciam os seus Reservas. A intenção é mantê-los como um nicho de mercado. "Não será fácil ter grandes quantidades e a fartura mata", defende Paulo Cerdeira Rodrigues.

114

AMOSTRAS SUBMETIDAS A CONCURSO DESDE QUE FOI CRIADA A CATEGORIA

CONCURSO 'OS MELHORES VERDES' EXISTE DESDE 1995 E AVALIOU MILHARES DE VINHOS

10%

O AUMENTO DAS EXPORTAÇÕES DE VINHO VERDE EM 2020 PARA 73,6 MILHÕES DE EUROS